

Narrativas de professores e identidade docente: o memorial como procedimento metodológico

José Vieira de Sousa

*As coisas,
que tristes são as coisas
consideradas sem ênfase.*

Carlos Drummond de Andrade,
A flor e a náusea

Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir a importância das narrativas de professores para a reflexão e compreensão da complexidade que envolve a prática educativa, buscando-se apontar a relevância do memorial para o registro e redimensionamento do fazer pedagógico. No presente trabalho, o memorial é concebido como um procedimento metodológico significativo para a análise da prática pedagógica produzida pelos professores e, conseqüentemente, para a construção da identidade docente.

Na análise proposta, partimos do pressuposto de que os professores produzem em suas práticas cotidianas um saber pedagógico que, investigado na perspectiva da memória, pode apresentar elementos novos à reflexão do processo de construção da identidade profissional dos docentes. Subjaz a esse pressuposto a idéia de que a concepção técnica da educação tem apresentado limitações consideráveis à discussão do processo de construção dessa identidade, fato que leva à busca de caminhos alternativos para essa reflexão.

Estruturalmente, o trabalho está dividido em três partes. Na primeira, procura-se aporte teórico no vasto panorama do pensamento de Walter Benjamin, intelectual pertencente à segunda geração da Escola de Frankfurt, visando analisar a importância da narrativa para a experiência humana. Nessa reflexão, chama-se a atenção para a forma como a fragmentação da experiência coletiva na modernidade tem contribuído para o enfraquecimento das narrativas, a despeito da inegável importância dessas últimas para a construção da identidade do sujeito.

Na parte seguinte, destaca-se a importância das narrativas dos professores para a reflexão de um conhecimento eminentemente pedagógico e para a compreensão da identidade docente. Por último, discute-se a possibilidade de o memorial constituir-se em um procedimento metodológico relevante para a construção da identidade profissional do professor, permitindo-lhe refletir acerca da prática pedagógica que ele produz e (re)significá-la, buscando novos caminhos para o seu redimensionamento.

1. A narrativa na galeria temática de Walter Benjamin

Este trabalho busca em Walter Benjamin o referencial teórico para analisar a narrativa como uma possibilidade relevante por meio da qual ocorre a expressão da singularidade humana.

Sendo um dos mais importantes representantes da Escola de Frankfurt, Benjamin desenvolveu reflexão crítica acerca dos principais aspectos econômicos, sociais e culturais do seu tempo, revelando, em relação ao conjunto dos frankfurtianos, um pensamento bastante original. Presente em sua obra, a melancolia traduz tanto o estado de alguém que sente o tempo passar quanto a preocupação com a criação da *mesmice* no mundo moderno. Seus escritos apresentam uma galeria de temas que lhe permite dialogar com os mais variados ramos do saber.

Benjamin penetra sem temor na teologia, na filosofia, na teoria do estado, na medicina, na astrologia, na filosofia da linguagem, na mística e na especulação separatista-espiritualista contemporâneas, toda vez que destas disciplinas puder ser extraído algo de aproveitável para a análise do drama barroco alemão. (Garber, 1992, p. 41)

O núcleo temático de Benjamin revela a preocupação desse pensador em compreender como o imaginário social é construído e narrado às gerações mais novas. Pressupondo que o todo contém a parte e que a parte contém o todo, seu pensamento sugere que se deve observar cada fragmento, tentando compreendê-lo nas relações que o constituem. Podendo um simples fragmento ser a porta de entrada para o real, o mundo social é visto como uma constelação constituída por vários pontos que estabelecem entre si nexos e conexões, revelando que o social não está dado e não possui um significado único.

Benjamin trabalha com os detalhes configurados na totalidade social e com a idéia de que parece não haver cronologia, mas essencialmente a intensidade dos momentos históricos, postura que vai se opor à tendência evolucionista de história.¹ Diferentemente de Weber (1991) que expressa uma visão pessimista de modernidade, Benjamin ainda vislumbra a possibilidade de o sujeito reconstruir sua identidade no mundo moderno, mesmo constatando o empobrecimento da experiência coletiva nele existente. Pare ele, o mundo moderno está em pedaços e o homem em ruínas, não lhe restando outra saída a não ser reconstruir totalmente o social. Para tanto, é preciso recolher os seus fragmentos, compreendê-los em sua singularidade e remetê-los à experiência coletiva.

Para Benjamin (1994a), a modernidade é sinônimo de antigüidade e chega a este estado tanto por envelhecer (morrer) aos poucos quanto por meio de catástrofes naturais, fato que leva à crença de que, na modernidade capitalista, a humanidade parece estar sujeita a um sono que a impossibilita de verdadeiramente conhecer a História. Nesse sentido, as insuficiências da razão instrumental para a realização humana levaram o homem moderno a perder a capacidade de imaginar e questionar, empobreceram a experiência coletiva e fragilizaram as narrativas que os homens poderiam construir.

Preocupando-se com o mundo cotidiano, esse autor ressalta que a arte da narrativa não deve estar associada apenas aos grandes acontecimentos, mas a todas as situações da vida humana. Por esse motivo, não é com menor "(...) prazer que se ouve aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece as histórias e tradições de sua terra" (Benjamin, 1994, p. 58), pois a narrativa, sendo construída na esfera do coletivo, traduz a experiência do cotidiano.

A fragmentação da experiência e da narrativa modernas

A palavra, ao constituir a essência do mundo e do homem, orienta o humano em um caos que só se desinstala à medida que a experiência humana – narrada e gravada na memória do grupo social – possibilita ao sujeito realizar o seu trabalho de reconstrução permanente. "A palavra do pensamento ocidental

1 O aprofundamento deste conceito sugere uma reflexão do texto de Benjamin, "Sobre o conceito de história" (1994a, pp. 222-232). Trata-se de um texto pequeno, porém extremamente denso no qual o autor faz uma crítica à social-democracia e ao seu conceito triunfalista do progresso.

começa quando a reflexão grega evidencia a autonomia da palavra humana” (Gusdorf, 1978, p. 21). Cada palavra e, conseqüentemente, cada narrativa produzida colocam uma circunstância, uma experiência em destaque. Nessa perspectiva, privar o homem da palavra e da narrativa é retirar dele o que há de mais humano em sua realidade; é meramente caricaturá-lo, usando de todo o absurdo possível em relação à vida humana.

Benjamin, ao refletir sobre esta questão, esclarece que a história tem se tornado uma história muda, e, não existindo mais a narrativa coletiva, em conjunto e ampliada, o mundo fica empobrecido. Sob esse ângulo, é ressaltada a tese de que uma narrativa, ainda que de caráter pessoal, preserva sua característica prevalente: uma coerência de abordagem consubstanciada em uma diretriz de elaboração capaz de produzir sentido para aqueles que dela compartilham, em função dos entendimentos comungados socialmente.

As memórias coletivas recordam grandes eventos do passado, os quais formam um núcleo para o qual converge a solidariedade do grupo. Também mantêm vivo o sentimento de filiação ao grupo e a seus propósitos durante os períodos de atividade rotineira, intervalos entre os momentos em que o grupo se reúne para reafirmar sua existência coletiva. (Levine, 1997, p. 22).

A memória comum passa de uma geração para outra como uma espécie de patrimônio cultural, mas esta capacidade está sendo destruída pela forma de vida que o capitalismo impõe à vida moderna. Nesse contexto, o homem vem perdendo sua capacidade narrativa, exilando-se em si mesmo. Em sua tese nº 6 sobre o conceito de História, Benjamin declara: “Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela (...) O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer” (1994a, p. 224).

Na perspectiva benjaminiana, as condições necessárias à continuidade da façanha humana de narrar, já negadas pela moderna sociedade capitalista, são as seguintes:

- toda experiência humana narrada deve ser de natureza comum tanto a quem relata quanto a quem escuta;

- a atividade da narração apoia-se normalmente em estruturas existentes nas sociedades pré-capitalistas, especialmente aquelas que lidam com o artesanato;
- compartilhar uma experiência fundamenta-se na prática da narrativa tradicional: quem transmite um saber espera que quem o escuta possa aproveitar o narrado.

Segundo Benjamin (1994a), a matéria prima da narração é a experiência, visto que todo narrador tem como referência a sua própria experiência e aquelas outras que lhe foram narradas. Essa experiência humana está inscrita na temporalidade e na consciência coletiva de várias gerações. É nesse contexto que a memória assume importância vital no processo de narrar, constituindo-se na capacidade épica por excelência e fazendo com que o ouvinte precise expressar a vontade de escutar a narrativa, retendo a história. “É assim que adere à narrativa a marca de quem narra, como à tigela de barro a marca das mãos do oleiro” (p. 63).

À medida que são gravadas e seguidas pelas gerações, as experiências realizam um processo formativo, orientando toda a coletividade. Entretanto, na modernidade a arte de narrar está desaparecendo porque o seu elemento fundante – a sabedoria – está agonizando como resultado de um processo que vem de longe. Essa realidade leva Benjamin a reconhecer a “(...) impossibilidade de toda experiência coletiva na nossa modernidade, portanto de toda tradição e de toda palavra comum” (Gagnebin, 1994, p. 2). De acordo com a matriz teórica ora analisada, um homem sem memória já não responde aos apelos das vozes que emudeceram; sob o efeito exagerado dos estímulos da vida moderna, ele não tem mais interesse em voltar-se contra os exércitos de vencidos da história.

Passada de uma geração à outra, a memória cria uma riqueza cultural e um patrimônio comum a um grupo. Mas na modernidade não há muito o que narrar; na verdade, o que existem são situações de constrangimento geral diante desta realidade. Ao fugir da forma épica, a modernidade faz com que não mais existam narrativas a serem contadas a seu respeito. Na modernidade, estamos cada vez mais pobres, em termos de experiências coletivas, visto que uma observação mais atenta do mundo moderno

(...) nos diz que a arte de narrar caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais

freqüente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências. (Benjamin, 1994a, p. 57)

2. As narrativas de professores e a compreensão da prática educativa

A produção teórica de Walter Benjamin tem se mostrado um elemento muito importante no estudo das narrativas de professores. Nas últimas décadas, essas narrativas têm se constituído em objeto de interesse dos pesquisadores quando o foco de investigação é a prática docente.

A relevância de tais narrativas tem sido reconhecida paralelamente ao levantamento de muitas críticas em relação à forma como a prática educativa vem sendo discutida e à constatação de que nela estão implícitos elementos complexos que precisam ser examinados por estratégias diferentes daquelas tradicionalmente utilizadas. Nesse contexto, verifica-se que a linguagem que tem sido adotada para abordar o ensino não somente tem se mostrado pouco adequada como também não tem dado espaço e “voz” suficiente aos professores.

Considerando este quadro, as narrativas dos professores tornam-se importantes por permitirem a esses profissionais expressarem a prática que desenvolvem, levando à identificação de limitações e avanços implícitos ao fazer docente. Connelly e Clandinin (1995) ressaltam que a narrativa configura-se em um elemento relevante para a investigação da prática educativa, visto que os homens são, em sua essência, contadores de histórias que, individual e socialmente, contam e vivem experiências passíveis de relato.

Sob esse ângulo e lançando mão das narrativas, os seres humanos negociam significados culturais capazes de imprimir às suas experiências culturais elementos que podem levar à sua cristalização ou à sua transformação. Essas narrativas, ainda que tratem de questões particulares e privilegiem os detalhes, podem levar a generalizações à medida que os detalhes nelas contidos remetem o ouvinte a outras situações vividas na forma de arquétipos humanos. Tal característica pode fazer com que as narrativas possam, ao mesmo tempo, expressar um saber e organizar dados da cultura.

Quando analisamos as narrativas produzidas pelos professores, verificamos que elas podem revelar fatos e episódios dotados de significados para a compreensão do desempenho docente na sala de aula e na escola como um todo.

Recorrendo à memória, os professores podem recuperar e reinterpretar acontecimentos ou fatos de suas vivências pessoais e profissionais, reconstituindo um tempo histórico por meio de representações que muito têm a dizer aos pesquisadores que se preocupam com o vasto campo da docência.

Embora parta do real, do fato, do acontecido, o processo de memória se descola e passa a operar através de uma dimensão onde as motivações inconscientes e subjetivas constituem o vetor determinante da construção desse quadro. (Montenegro, 1992, p. 19)

Ao contribuírem para construção da identidade docente, as narrativas revelam-se, obviamente, inconclusas e como pontos de vistas capazes de levar a leituras e interpretações diversas, fazendo com que aí resida o seu caráter eminentemente construtivo (Fonseca, 1997). Nesse sentido, as narrativas são capazes de promover mudanças na forma como os professores compreendem a si próprios, aos outros e a prática produzida cotidianamente. Além disso, ao produzir sua narrativa, é possível o docente teorizar a própria experiência pessoal e profissional.

Trabalhar com as narrativas na pesquisa e/ou no ensino é partir para a desconstrução/construção das próprias experiências, tanto do professor/pesquisador como dos sujeitos da pesquisa e/ou do ensino. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. Ao mesmo tempo que se descobre no outro, os fenômenos revelam-se em nós. (Cunha, 1998, p. 39)

Obviamente, o saber expresso por meio das narrativas dos professores é de natureza eminentemente prática, embora esse mesmo saber tenha como referência um determinado contexto sociocultural e possibilite a articulação da relação teoria-prática. Por estarem referidas a um contexto sociocultural eivado pela questão educativa, as narrativas dos professores levam à identificação de um conhecimento pedagógico que se traduz em uma seara exclusiva desse profissional, ao mesmo tempo em que expressa uma maneira especial de o docente entender e viver sua profissão.

Consideradas desta forma, as narrativas de professores poderão diminuir o empobrecimento da capacidade de narrar no mundo atual, amenizando a crítica feita por Benjamin, em relação à fragmentação e ao empobrecimento da experiência no mundo moderno. "São cada vez mais raras as pessoas que sabem

narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (1994a, p. 197).

O poder da razão instrumental e o domínio do progresso técnico conduzem ao desaparecimento, cada vez mais, da arte de narrar, embora as narrativas orais não se configurem apenas em fontes de informações para a elucidação de problemas do passado. Numa perspectiva mais ampla, essas narrativas “(...) ganham relevância as vivências e as representações individuais. As experiências dos homens, constitutivas de suas trajetórias, são rememoradas, reconstruídas e registradas a partir do encontro de dois sujeitos: narrador e pesquisador” (Fonseca, 1997, p. 39).

Em suma, o trabalho com as narrativas de professores asseguram voz aos sujeitos, possibilitando a (re)afirmação de identidades e a produção de subjetividades geradas em meio às contradições e aos conflitos inerentes ao fazer educativo.

3. A produção do memorial e a construção da identidade docente

Certamente os cursos de formação de professores têm muito a ganhar se incorporarem em suas práticas e reflexões as narrativas de professores, visando contribuir para a produção de um pensamento propriamente pedagógico a respeito da profissão e da identidade docentes. Refletindo acerca dessa questão, Nóvoa (1991) ressalta que a profissão docente “(...) precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ser” (p. 9).

O conceito de identidade está diretamente relacionado à noção de narrativa, levando o sujeito a lembrar um fato ou uma vivência. Por esse motivo, as narrativas de professores transformam-se em um instrumento importante para a discussão de crenças e valores inerentes à profissão de professor.

Mas, o que estamos entendendo por identidade profissional? Na análise proposta, a identidade é concebida como o “(...) eixo que distingue uma categoria profissional de outra. No caso do professor, ela define sua forma de ser no mundo e sua história no contexto do trabalho pedagógico que realiza. Assim, a identidade profissional não é dada, mas construída nas relações de trabalho” (Sousa, 2000, p. 89). Em função disso, a identidade do professor não é herdada,

mas construída a partir de elementos do próprio sujeito e do coletivo no qual ele está inserido. Nessa perspectiva, ela precisa ser descoberta, construída e sustentada ativamente, a partir da prática pedagógica desenvolvida por esse profissional. Ao construir sua identidade profissional, o professor constrói um conjunto de significados inter-relacionados, os quais se mostram dotados de valor para ele. Essa identidade é originada pelo próprio docente, a partir do processo de individuação por ele desenvolvido em suas relações com os outros indivíduos e as instituições das quais compartilha.

Cada grupo social desenvolve sua identidade afirmando-se e distinguindo-se de outros grupos. Não existe um “nós” senão frente a “eles”, os outros. A alteridade é o fundamento da identidade e, portanto, ao descrevermos o que é particular, precisamos inseri-lo no contexto de que é parte. É no confronto que as identidades se constroem e não no exercício solitário das práticas coletivas de cada grupo. (Cardoso, 1988, p. 14)

Nessa perspectiva, a identidade do professor – ainda que estruturada a partir das relações institucionais definidas pela sociedade – só assume um significado para esse profissional a partir do processo de internalização dos significados implícitos à identidade construída. Tal identidade não se constitui *a priori* e/ou externamente ao sujeito que a produz, mas somente a partir do processo de incorporação dos significados que ela contém. Ao construírem suas identidades, os professores reconhecem que “(...) trabalhamos com nossas emoções, nossa cultura, nossos gostos e desgostos, nossos preconceitos, nossas angústias e desejos, nossos fantasmas de poder ou de perfeições, e, finalmente, nossas entranhas” (Perrenoud, 1993, p. 150).

Recorrendo ao dicionário, verificamos que memória significa reminiscência e lembrança, diferenciando os humanos à medida que lhes possibilita criar, imaginar e lembrar de fatos e situações. Transpondo este raciocínio para a investigação da prática pedagógica pelas narrativas de professores, podemos verificar que a memória dota os docentes da capacidade de reter idéias e imagens das quais eles podem se lembrar posteriormente, por meio de um processo não só narrativo, mas também reflexivo.

Nessa perspectiva, o memorial – como procedimento metodológico – possibilita ao professor registrar o resultado de sua própria narrativa, a qual é constituída a partir dos fatos mais significativos pinçados de sua trajetória pessoal e profissional. À medida que escreve o seu memorial, o professor relata sua

própria história, possibilitando ao leitor o conhecimento de uma prática pedagógica situada em um tempo e um espaço específicos.

Como o registro do memorial não se dá de forma mecânica, esse procedimento metodológico permite ao sujeito rever posições, reafirmando-as, ou, por meio da reflexão da prática produzida, perceber aspectos necessários ao seu redimensionamento. Portanto, o memorial possibilita não só o conhecimento de uma prática pedagógica para aquele que a constrói, mas também o autoconhecimento do professor, em função das condições históricas concretas que permitiram e contribuíram para o desenvolvimento de um determinado fazer pedagógico.

Se a narrativa feita pelo próprio professor permite a recuperação de uma prática pedagógica produzida, o memorial, por sua vez, possibilita a esse profissional uma leitura crítica dos vários momentos que constituíram sua vida profissional, levando-o a diferenciar e selecionar o que nela é essencial, por meio do aguçamento de sua capacidade reflexiva. Essa oportunidade de refletir sobre sua própria prática pode indicar ao professor caminhos e possibilidades novas para a produção do seu fazer pedagógico cotidiano. Ao produzir o memorial de sua prática, o professor é estimulado a pensar acerca de sua própria formação e, ao relatar sua experiência, perceber e reconstruir a trajetória percorrida, atribuindo-lhe novos significados.

Reverendo e analisando sua prática pedagógica o professor (re)significa também sua identidade profissional. Obviamente, o olhar reflexivo sobre a prática do docente implica também a contextualização de sua história de vida e de conceitos básicos implícitos à produção do seu fazer cotidiano, como, por exemplo, cultura, ideologia, sociedade, homem, aprendizagem, ensino, profissionalização docente, etc.

Na análise proposta, escrever o memorial significa para o professor produzir uma história própria como síntese de sua prática pedagógica, possibilitando a esse profissional a identificação do pensamento do seu professor, de suas práticas e de aspectos importantes de sua formação. Além disso, contribui para a reafirmação da importância da experiência pessoal e da prática profissional do professor para o desvelamento da complexidade que envolve o ato de ensinar, pesquisar e aprender.

Outro aspecto interessante a ser considerado no memorial como procedimento metodológico na formação continuada do professor diz respeito ao processo de reflexão desta prática que acaba por colocar esse profissional no centro

do debate da profissão docente. Esse mesmo processo reflexivo em relação à prática pedagógica leva também o professor a examinar, de forma mais crítica, o grau de validade das referências teóricas e práticas que envolvem o seu trabalho.

Na análise aqui proposta, sustenta-se a tese de que, ao produzir o seu memorial, o professor passa a narrar e descrever sua história de vida, registrando e interpretando várias dimensões inter-relacionadas e inerentes à prática educativa – pessoal, social, pedagógica, profissional e institucional. A narrativa que ele produz e documenta no memorial de sua prática pode levá-lo a interpretar o processo de formação que ele vem realizando e a historicizar sua prática pedagógica. Nessa dinâmica de construção do seu memorial, o professor (re)afirma sua identidade pessoal e profissional e percebe-se como sujeito da história das idéias pedagógicas, as quais estão em constante interação com os indivíduos, grupos e instituições que concorrem para a produção de sua prática pedagógica.

Em síntese, a identidade profissional pressupõe um conjunto de características próprias e inerentes a uma determinada ocupação social, e o memorial – como procedimento pedagógico para registrar as narrativas de professores – constitui-se em uma oportunidade importante de busca de novos significados para o trabalho docente. Além de um relevante exercício intelectual que possibilita a articulação teoria-prática, o memorial pode contribuir para o redirecionamento da prática pedagógica produzida pelo professor, a partir de um exame crítico da própria prática pedagógica, por meio de um contínuo processo de ação-reflexão-ação.

Conclusão

A intenção deste trabalho foi analisar a importância das narrativas dos professores para a discussão do processo de construção da identidade docente, considerando a relevância do memorial como procedimento metodológico para a reflexão da prática pedagógica por ele produzida.

Buscando em Walter Benjamin o aporte teórico para a compreensão do significado da narrativa como expressão da experiência humana, verificamos que esse autor revela-se melancólico ao apontar a perda da capacidade de produção de narrativas no mundo moderno. Optando por uma teoria e um caminho metodológico não de totalidade, mas de fragmentos sociais, Benjamin

critica o aumento crescente do individualismo e a perda de significado da experiência coletiva no mundo moderno; se não há a rememoração da experiência coletiva, não é possível restabelecer a narração. Ao valorizar a experiência coletiva, esse autor posiciona-se contra o tempo homogêneo e vazio, relacionando história, memória e narrativa.

Ao narrar sua trajetória pessoal e profissional, o professor escolhe uns caminhos e evita outros e, pela memória, seleciona representações, atitudes, valores, teorias, etc. Ao proceder assim, reconstitui a história dos espaços escolares – sejam eles públicos ou privados – sua inserção no magistério, os encontros e desencontros profissionais, o conteúdo do seu trabalho, o seu engajamento ou distanciamento dos movimentos sociais e, acima de tudo, o significado de ser professor, examinando os elementos que configuram o *ethos* da profissão.

Evidentemente, devido à complexidade que envolve a experiência humana, as narrativas são compreensões sempre parciais da realidade pedagógica, motivo pelo qual os professores que as fazem não se arvoraram da pretensão de transmitir informações. Ao contrário, por meio de suas narrativas, esses docentes podem apresentar elementos que, produzidos no cotidiano da escola, são relevantes e devem ser valorizados e (re)significados no processo de formação docente. Ao narrarem suas experiências pedagógicas, os professores atribuem significado a fatos de sua prática pedagógica, de forma coerente e coesa.

Por sua vez, o memorial da prática pedagógica do professor permite o estudo das concepções desse profissional e favorece a compreensão do grau de influência das condições socioeconômicas, políticas, culturais e ideológicas sobre os indivíduos, a escola e os grupos. Além disso, pode ajudar na identificação das variáveis que interferem em suas maneiras de ser e pensar e na construção da sua consciência pessoal e social. Enfim, contribui para a (re)significação da identidade profissional do professor, recorrendo à memória como recurso para a reconstrução de uma história que não se esgota no pessoal, mas avança para a consciência dos grupos.

Por último, cabe lembrar que a subjetividade expressa por meio da elaboração do memorial revela que as subjetividades presentes nas narrativas dos professores são construídas social e culturalmente.

Resumo

O trabalho visa discutir a importância das narrativas de professores para o processo de construção da identidade docente e do memorial como procedimento metodológico para a reflexão da prática pedagógica. Adotando o pensamento de Walter Benjamin como referencial teórico, a análise proposta parte da tese de que as narrativas dos docentes apresentam considerável contribuição para o exame da complexidade que envolve os atos de ensinar, pesquisar e aprender. O memorial da prática pedagógica é encarado como a possibilidade de o professor refletir acerca de sua trajetória pessoal e profissional, buscando perceber o alcance e as limitações das teorias pedagógicas para a prática desenvolvida.

Palavras-chave: docência; identidade; narrativa; formação de professores.

Abstract

Our work aims at discussing the importance of teachers' narratives for the process of building up teachers' identity, and of the memorial as a methodological procedure for reflecting on educational practice. Adopting Walter Benjamin's thought as the theoretical framework, the proposed analysis is based on the thesis that teachers' narratives are a valuable contribution to the investigation of the complexity that involves the acts of teaching, researching and learning. The educational practice memorial is seen as a way for the teacher to reflect on his personal and professional journey, trying to realize the reach and limits of educational theories for the developed practice.

Key-words: teaching; identity; narrative; teacher training.

Resumen

Este trabajo pretende discutir la importancia de las narraciones de los docentes en el marco del proceso de construcción de su identidad profesional y el memorial como procedimiento metodológico para la reflexión de la práctica pedagógica. Valiéndose del pensamiento de Walter Benjamin como referente teórico, el análisis propuesto parte de la tesis de que las narraciones de los docentes suministran una considerable contribución al análisis de la complejidad propia de los actos de enseñar, investigar y aprender. El memorial de la práctica pedagógica es abordado como una posibilidad para que los docentes reflexionen sobre de su trayectoria personal y profesional, procurando dar cuenta del alcance y de las limitaciones de las teorías pedagógicas en la práctica que desarrollan.

Palabras claves: docencia; identidad; narraciones; formación docente.

Referências

- Benjamin, W. ([1932-1938] 1992). *Infância em Berlim por volta de 1900, em Rua do sentido único e infância em Berlim por volta de 1900*. 1. Ed. Lisboa, Relógio d'Água.
- _____. (1994a). *Obras escolhidas I – Magia, técnica, arte e política*. 2. ed. São Paulo, Brasiliense.
- _____. (1994b). *Obras escolhidas III – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo, Brasiliense.
- Cardoso, R. (1988). “Apresentação”. In: Kowarick, L. (org.). *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Connelly, M. e Clandinin, J. (1995). “Relatos de experiência e investigação narrativa”. In: Larrosa, J. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona, Laertes.
- Cunha, M. I. (1998). *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara, JM.
- Fonseca, S. G. (1997). *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas, Papyrus.
- Gagnebin, J. M. (1994). *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo, Perspectiva.
- Garber, K. (1992). “Por que um mundo todo nos detalhes do cotidiano? História e cotidiano em Walter Benjamin”. Trad. George Bernard Sperber. *Dossiê Walter Benjamin*. São Paulo, USP, set./out./nov., nº 15, pp. 39-48.
- Gusdorf, G. (1978). *A fala*. Porto, Despertar.
- Levine, D. N. (1997). *Visões da tradição sociológica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Montenegro, A. T. (1992). *História oral e memória – a cultura popular revisitada*. Coleção Caminhos da História. São Paulo, Contexto.
- Nóvoa, A. (org.). (1995). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto, Porto Editora.
- Perrenoud, P. (1993). *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Lisboa, Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional.
- Sousa, J. V. de. (2000). “Profissionalização e construção da identidade do professor”. In: Badauy, M. de M. & Ramos, W. M. (coords.). *Programa de Formação de Professores em Exercício/PROFORMAÇÃO*, 2. ed. ME – FUNDESCOLA, pp. 85-102 (Módulo II/Organização do Trabalho Pedagógico).
- Weber, M. (1991). *Ensaio de Sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro, LTC.

José Vieira de Sousa

Professor da UnB

E-mail: sovieira@terra.com.br